

NOSSO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

63

A IGREJA-MATRIZ E O HOSPÍCIO JESUÍTA DE ARÊS

Jeanne Fonseca Leite Nesj

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

Informa o pesquisador Olavo de Medeiros Filho, que a Aldeia de Guaraíras, origem da cidade norte-rio-grandense de Arês, já existia no ano de 1647, em pleno período da Guerra Holandesa, quando por ali passou, como participante de uma tropa, Pascoal Gonçalves de Carvalho, que viria a ocupar o cargo de Capitão-Mor do Rio Grande (1685-1688).

Em 1679, novamente ressurgia a Aldeia de Guaraíras, em consequência do movimento operado no ano anterior para que os jesuítas de Olinda retomassem algumas aldeias indígenas. Em 1683, era superior da Aldeia de Guaraíras o Pe. Luís Pinto, ao lado do qual encontrava-se o Pe. José dos Reis.

Em 1703, já existia a Capela de São João Batista, na Aldeia de Guaraíras, citada pelo Ouvidor Geral Cristóvão Soares Reymão. Em 1746, Guaraíras abrigava indígenas da língua geral (Tupis).

No antigo Aldeamento de Guaraíras, os jesuítas ergueram



uma igreja e um hospício, ainda hoje ali existente. Guaraíras foi elevada à condição de vila, aos 15 de junho de 1760, surgindo a Vila Nova de Arês, homenagem prestada a uma vila portuguesa.

Por ocasião da transformação da aldeia em vila, Guaraíras apresentava 949 habitantes, sendo 284 casais e 362 rapazes e moças solteiros. Notava-se a ausência de escravos. Ali existiam

6 companhias de ordenanças, mobilizando 300 praças. Oitenta e sete rapazes estudavam na escola dos jesuítas e oitenta e nove moças aprendiam na Misão, a cozer, tecer e fiar. Nove

rapazes aprendiam ofícios. No aldeamento existiam 69 pobres, de ambos os sexos.

A Igreja de São João Batista, em Arês, como tantas outras do nosso Estado, sofreu algumas modificações em sua arquitetura, porém conserva ainda o seu frontispício curvilíneo, com adornos e cornija de massa. Concluída possivelmente em 1884, conforme o indica a data inscrita no referido frontispício.

O templo possui uma porta de acesso no seu corpo central, e três janelas ao nível do coro, todas elas em vãos de vergas retas. No seu lado esquerdo, foi edificada a torre, com sineira, e no lado direito alonga-se o hospício (residência dos jesuítas), edifício que sofreu mais modificações do que a própria igreja.

O hospício possui duas portas de acesso, no térreo, e três janelas ao nível do pavimento superior, todas elas no mesmo estilo das esquadrias do templo.

A Igreja Matriz de Arês é constituída de capela-mor, naves, sacristia, galeria superior, coro e torre. Apresenta um interior rico em elementos decorativos. Ainda conserva os altares colaterais e o púlpito de madeira.

O templo possui pia batismal e pia para água benta, esculpidas

em pedras, além de valiosas imagens do século XVIII, destacando-se o conjunto dos Reis Magos, tombado pelo antigo IPHAN. Trata-se de uma peça confeccionada em madeira por um escultor anônimo.

A tradição oral afirma que a Igreja de São Batista, de Arês, acha-se ligada à Lagoa de Guaraíras através de um caminho subterrâneo.

A Freguesia de Arês data de 8 de maio de 1758. O alvará de 13 de agosto de 1821, elevou a igreja à condição de matriz, sempre sob a invocação de S. João Batista.

Em 16 de dezembro de 1864, a lei nº 569 suprimiu a freguesia de Arês, incorporando-a à de Goianinha, tendo sido a mesma restabelecida em 14 de dezembro de 1871.

FONTES: Informações prestadas pelo pesquisador Olavo de Medeiros Filho; "Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Norte", de Oswaldo Câmara de Souza. Fundação José Augusto, Natal, 1981; "Arês, o município". de Nestor Lima, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R.G. do Norte, vols. XXV-XXVI, 1928-1929; outras pesquisas procedidas pela Autora;